

A SEMANA

JORNAL LITTERARIO, SCIENTIFICO E NOTICIOSO.

Vol. I.

DOMINGO 16 DE MARÇO DE 1856.

N. 15.

PARTE LITTERARIA.

O CHRISTIANISMO.

O character estampado na frente do seculo actual é o individualismo ou, mais claro, o egoismo. O furor dos diversos bandos civis, que pelem por sustentar umas formas de governo ou por derrubar outras, e as luctas das opiniões litterarias, scientificas e religiosas, não são por certo resultado de convicções profundas, como o eram as cruzadas, ou as reformas protestantes nos tempos de uma fé viva. Na epocha em que vivemos, o scepticismo que herdamos do seculo passado, e uma dialectica manhosa e corrompida tem tornado problematicas as mais importantes questões sociaes, bem como as questões de menos monta, debatidas nos lyceos e escolas. Morta assim a convicção, o indifferentismo ácerca de todo o genero de verdades mirrou a generosidade no coração do homem, para quem só existe um principio indubitavel—a conveniencia do proprio proveito. E' este o cancro que roe todas as sociedades, e ao qual nunca poderão dar remedio os trabalhos dos politicos, ou os progressos das artes da civilisação.

Se apparecesse uma philosophia, que pela força dos seus argumentos simples e irrefragaveis, pela clareza das suas provas podesse restituir aos espiritos entorpecidos o vigor da persuasão profunda, se esta philosophia ensinasse a abnegação do amor proprio exclusivo, e aconselhasse a philantropia como o primeiro dever; se esta philosophia consolasse o justo opprimido dando-lhe a certeza de premio immortal, e inculcasse na mente do perverso o prospecto de inevitavel castigo, seria ella quem regeneraria o mundo, e que, em quanto o progresso das sciencias e das artes pule e melhora exteriormente o genero humano, destruiria o intoleravel egoismo, que destroe ou afieja o formoso edificio da moderna civilisação.

Existirá em alguma parte esta philosophia benefica?—Sem duvida:—e se a quereis encontrar buscae-a no evangelho. Durante mil e setecentos annos a custo achareis na historia da Europa uma acção virtuosa, um feito generoso, que não nascesse do christianismo.—Guerreou o seculo passado esta religião divina, quasi a poz por terra; e os effeitos d'essa loucura cahiram

sobre nós como uma terrivel maldição, como uma herança de morte, que importa não transmittir á geração futura.

E é só para esta que a regeneração é possível: levados pela lepra da incredulidade não podemos sarar; porque não está em nossa mão crer ou deixar de crer, quando a educação, os livros, e o sentir d'aquelles que nos rodeam, apagou em nossa alma o sello da cruz; quando não detestamos nem amamos a religião; quando sem terror, mas tambem sem esperanças nos vamos atirando ás sombras do futuro e do sepulchro, a seve da vida intima está morta, e não resuscitará por mais que lhe queiramos restituir o alento com os nossos sinceros desejos. Foram os que antes de nós vieram, que assassinaram, não a sua, porém a nossa fé. Elles que por todos os modos guerreavam o christianismo, faziam-no porque, apesar seu, criam n'elle; em nós, que não combatemos nem seguimos o evangelho, em nós é que a crença está morta.

Estas sociedades que se agitam e tumultuam sem uma fé, que as ligue á moral em nome de um principio absoluto: o genero humano separado de Deus por um abysmo de indifferença e de esquecimento, é em verdade—espectaculo espantoso!—Sanccionada a virtude só pela opinião publica, ella desaparece da vida domestica e de todos aquelles lugares não vistos da multidão. O bom procedimento é como uma qualificação para ganhar a subsistencia, como um titulo para servir os cargos publicos: a sociedade que examinou o proceder particular, que só requer do cidadão a compostura e a probidade nas suas relações externas, dá valia igual ao hypocrita sagaz e ao homem sinceramente virtuoso. Quereis saber o que é um homem honrado perante o tribunal do mundo? E' aquelle que obdece restrictamente ás leis civis, que paga os tributos, e que foge dos lugares publicos de dissolução, que cumpre sua palavra, que é decente, emfim, na sua linguagem e porte. Embora seja máu pai, máu filho, máu irmão: embora converta a sua habitação em sentina de vicios: seja acautelado n'este seu intimo proceder; ignore o mundo qual elle é, que a lei o escudará contra os tiros da maledicencia, e a sociedade dirá vendo-o passar: eis alli um cidadão honrado, em quanto diante dos olhos da Providencia elle é um malvado insigne.

Dizemos acaso isto para provar que as leis civis são insufficientes como regras da sociedade?

—Não, por certo: mas dizem-o para provar que o são como substitutas da lei religiosa. A sociedade politica nasceu da familia; mas a familia não acabou com a existencia da sociedade: esta tem por guias as leis, a opinião publica, a honra: a familia que não pôde ter outra guia senão a religião.

Enão se creia, que a immortalidade domestica não deve importar ao corpo social; ella trasbordará dos aposentos occultos para a praça publica, logo que os homens dissolutos forem em maior numero que os virtuosos; porque a sociedade, emanação perenne da familia, representa sempre o estado d'esta, e quando a corrupção tiver gangrenado a maioria, os hypocritas arrojão as mascaras e mostrarão as faces hediondas diante da luz do sol.

Para os entendimentos claros o que temos dito é uma verdade assentada. D'ahi nasce o trabalho os mais notaveis escriptores da Europa por vivificarem o espirito religioso. Não affirmamos que elles estejam inteiramente firmes no christianismo que professam: mas nem um momento duvidamos de que a sua convicção intima seja a necessidade de restituir o antigo lustre e preço á philosophia do evangelho. Assim as intelligencias summas são sempre os órgãos do instincto e tendencia da epocha em que vivem, e nunca superiores a elle. No seculo passado o progresso do genero humano requeria o dominio do principio de absoluta discussão; porque era tempo de desabarem tyrannias e superstições. Diante do tribunal da razão appareceram leis, crenças, instituições, costumes:—tudo foi condemnado, com justiça ou sem ella; e a sentença vai-a cumprindo o nosso seculo. Os engenhos communis não comprehendem estes grandes juizos da humanidade; porque não observam senão as contradicções particulares, os absurdos que apresentam o passado e o futuro, encontrando-se no presente. D'aqui procede o espanto que a muitos causa o verem depois de uma epocha de incredulidade, outra em que o sentimento religioso, evangelisado a principio como a medo, começa já a ser dominador na maior parte dos espiritos mais illustrados e vigorosos. Não se lembram os taes que o genero humano nunca destroe senão para reedificar, e que o coração do homem não soffre por muito tempo a negação de toda a casta de certeza, a morte de toda a esperança e de toda a fé.

O instincto religioso dos nossos contemporaneos revela-se por mui diversos modos: as extravagancias, as exagerações de varias especies de s'itas se podem comparar aos desvairados modos porque se espalha a agua de um rio caudal abysmando-se em uma catadupa. Alli as correntes trepam muitas vezes rochedos que encontram na queda: alli as ondas jorram e

redemoinham nos ares: alli se contradizem apparentemente as leis naturaes; mas isto tudo é produzido pela impetuosidade do rio. As seitas occultas que diariamente nascem, que são? Que são os differentes credos dos sectarios de S. Simão, dos Néo-Jerosolymitanos, dos Racionalistas? Que são as opiniões de Grunes, de De Voss, de Sleinbart? Expressões do elemento moral do seculo, torcidas pela opposição da philosophia destructora do passado.

Nascida no scepticismo, a raça actual não pôde inteiramente cumprir a sua missão regeneradora; porque ha uma lucta nos entendimentos. Quem hade vencer o combate? Indubitavelmente o futuro.

Que nos cabe pois a nós?—Preparar os nossos filhos para o destino que os aguarda: crentes ou incredulos que sejamos, educar religiosamente aquelles que o progresso da humanidade exige que sejam religiosos. Ainda está occulto no porvir qual será o symbolo universal do christianismo; mas a missão do presente é a *religiosidade*.

Superior á intelligencia de muitas pessoas será o que temos escripto: porém haverá paes de familia que nos entendam. Nas vespervas da semana, em que o catholicismo celebra a mais augusta das suas pompas, em que o seu culto ostenta a primazia entre todos os cultos das outras communhões christãs, julgamos poder levantar a voz em favor da verdadeira religião, que tão esquecida anda entre nós. Respeitando todas as opiniões, trouxe-mos a lume a nossa convicção: fallamos em nome da moral publica, em nome da humanidade, e em proveito da patria. Não nos farão corar os motejos d'aquelles, por quem se pôde dizer o que Jesus Christo dizia dos que o cubriram de affrontas:—*Perdoae-lhes, pai, porque não sabem o que fazem*.

PARTE RELIGIOSA.

A SEMANA SANTA.

Vou tratar de um assumpto, meus pios e illustrados leitores, cuja meditação apenas me abala até o intimo d'alma. Nunca pretendi reduzir á fórma escripta uma idéa cujo trabalho se me afigurasse mais difficil e delicado; e a não ser um compromisso, a que não devo recusar-me desde que me incumbi da redacção da parte religiosa desta folha hebdomaria, eu não me abalançaria á expressão dos sentimentos que me affectam em silencio ao meditar no que foi, e no que é em nossos dias *uma Semana Santa*!

Recommendar-vos-hia apenas sérias meditações sobre os mysterios augustos que n'este tempo se re-

presentam, e remetter-vos-hia para a leitura dos Profetas e Evangelistas, dos Chrisostomos e Chateaubriand que com uma precisão, intelligencia e piedade religiosa inimitavel profetisaram, descreveram, e illustraram essas excelsas ceremonias do Christianismo de envolta com as graves considerações de que souberam revestil-as até confundir a todo impio que ou sasse por momentos se quer duvidar d'esses mysterios augustos da nossa santa religião, e que a Igreja nos recorda a cada anno n'esta semana, cujo appellido de *Santa* ou *Maior* parece separal-a da ordem de nossos tempos para collocal-a em um outro espaço, que nos é vedado perceber e menos apreciar.

Com effeito; se esses Santos varões voltassem em corpo a esta vida, e palpando-nos os costumes presenciasssem as ceremonias que ora se representam n'estes dias, outr'ora fielmente consagrados á commemoração dos mais sublimes mysterios, duvidariam de sua authenticidade, e admirados dos costumes que se foram, supporiam talvez, que uma nova religião, um novo rito, e até uma raça inteiramente distincta occupava agora o lugar dos que elles descreveram outr'ora, e de cuja realidade restam apenas imagens vãs, representadas por entre sombras, como se foram sacramentos d'antiga lei.

Mas o que falta, me perguntareis vós, a estas ceremonias religiosas? Em que se desasemelham de sua instituição e identidade? Tanto apparato!.. tanto culto!... tanta concurrencia!.. tanta magnificencia!... O que falta?... Nada disso; nada.. Pompa humana, tem de sobra; falta-lhes o respeito de Magestade Divina.

A concurrencia, é innumera; a devoção e o recolhimento é zero. Os templos forrados de sedas e camascos, ornados de flores, e illuminados por milhares de luzes, cujos tectos se assemelham a um Céu recamado de estrellas, traduzem litteralmente o entusiasmo de almas grandes, e poder-se-hia chamar a um altar assim paramentado, um throno adquado ao assento dos religiosos symbolos.

Mas o gosto immodesto que preside a esses ornatos; as musicas profanas, e toda essa gala de theatros transportada para as casas do Senhor, são viçosas parasitas que comprimem a arvore da Cruz, e com taes perfumes de irreverencia, que abastardam as crenças, e redicularisam a religião!

Um concurso innumero inunda os templos n'estes dias consagrados pela tradição e pela Igreja ás mais augustas ceremonias do Christianismo; mas as disposições internas ou externas dos concurrentes compadecem-se acaso com a natureza do acto?....

Esse *trajar* luxurioso, que só serve a despertar atenções alheias para considerações mundanas, e talvez

reprovadas; esse molim constante, essa conversachistosa e barulhenta, esses dittos sarcastico-picantes que se ouvem em todos os angulos da Igreja; esse espirito de curiosidade romanesca que ali nos conduz, como a uma festa civil, ou a uma romaria de campo, só para vermos e mostrarmo-nos; e tomar materia nova para murmurações velhas, será tudo isto a preparação de que o christão deve revestir o corpo e alma a tornar-se apto para assistir á grande festa do Senhor?!.....

Mas ha em compensação muito entusiasmo; gastam-se centenaes de contos de réis com a pompa do culto, e juizes e mordomos despendem com largueza o producto de suas fortunas para sublimar a mais e mais os actos de sua administração.

Tambem isso é verdade. Resta-nos porém apreciar o espirito com que isso é feito.

Salvas mui justas excepções, ha ahi mais de orgulho, do que de religião!...

A maneira porque se ostentam em seus actos; o arranjo das iguarias nos consistorios etc. etc. o modo de dar as ordens na Igreja, com menos respeito do que o capitão no campo da batalha, marchando e contra-marchando de colo em pé com certos arremedos de militar, deixarão perceber n'aquellas almas muita afoutesa, penetração, desembaraço, e mesmo liberalidade; mas respeito devido ao lugar sagrado; recolhimento na contemplação das cousas Divinas; e essa humildade religiosa que só se compadece com o culto externo do verdadeiro Christão, cremos não ser talvez o forte de nossos juizes, mordomos e mais devotos de nossas festividades religiosas.

E as esmolal; e os hospitaes e as casas de charidade; não attestam o espirito religioso de seus fundadores e administradores?

Sim em suas excepções; e em geral, até certo ponto: isto é, até ao ponto em que o espirito religioso se liga ás considerações humanas!... d'ahi para cima é vedado subir.

Ha muita philantropia humana, porém mui pouca charidade religiosa! Nós homens fazemos muito aos homens por causa dos homens; mas nós christãos fazemos mui pouco aos verdadeiros pobres e envergonhados, por amor da religião de Christo.

Ácerca porém d'este ponto deixemos nossas humildes considerações para outra vez, que voltarmos a materia; e por agora digamos sempre algumas palavras ácerca do que era a Semana Santa de outras epochas, visto que presenciámos e sabemos o que ella é em nossos dias.

Hosannas ao Filho de David....

Triumpho, saude e louvor ao filho de David; Bemdito e louvado seja o que vem em nome do Senhor, Benedictus qui venit in nomine Domini.

Em taes exclamações prorompêram as turbas á chegada triumphante do Salvador a Jerusalem. Assim o repete ainda hoje sua Santa Igreja no anniversario d'essa memoranda festividade!....

Mas será ainda agora acompanhada, em seu louvavel e santo fervor, com a mesma fé e enthusiasmo que ostentou o povo judaico, cuja crença para com o Messias ella lhe louva ainda hoje em suas orações d'este dia chamado Domingo de Ramos?

Que mal empregados nos são seus ramos bentos!... que mal symbolisados são n'elles as nossas obras!... esses ramos preciosos que os fieis conservavam em suas casas com tanta devoção e respeito, como remédio para muitos males!

Que pias recordações nos deveria suscitar a lembrança d'essas doze fontes no deserto de Elim, de que se faz menção na epistola da benção, representando os doze apóstolos: e as setenta palmeiras, symbolo magestoso dos setenta discipulos?!

Essa procissão solemne que representa a entrada triumphante de Jesus em Jerusalem, e a subida ao throno da immortalidade ao entrar na porta, que se abre ao toque do Subdiacono com o pé da cruz, e que symbolisa a porta do céo, que nós foi aberta pelo sacrificio do Calvario: tudo, tudo isto serão apenas ceremonias improvisadas, que se devam olhar só por curiosidade ou divertimento?!

Este dia que hoje reputamos como uma festa divertida foi na antiga disciplina o da reconciliação solemne dos penitentes publicos, e do baptismo dos Catecumenos; e porisso se chamava tambem o Domingo da indulgencia ou o *Capitulavium*, porque n'elle se praticava a cerimonia de lavar a testa aos baptisandos para serem ungidos com o sagrado crisma.

E que importancia damos presentemente a essas ceremonias?

A mesma que infelizmente damos á sagrada Paixão que se canta depois da procissão conforme o evangelho composto por S. Matheus apoz sete annos da morte do Salvador.

Com a chegada da segunda feira, não diminuia nos devotos do calvario o recolhimento religioso e a devoção de austera penitencia: os jejuns, as mortificações, a observancia das vigílias, com plena abstinencia de todos os prazeres e entretimentos mundanos, indicavam plenamente o respeito e veneração

que se consagrava á commemoração annua de tão sublimes mysterios, e o cordial enthusiasmo com que se abraçavam os preceitos da religião unica santa e divinamente ensinada!

O que diria porém hoje S. Epifanio se tivera a desventura de volver de novo a esta vida a presenciar os nossos costumes de agora!....

Oh! com quanta justiça deveriam recahir antes sobre nós essas imprecações do Poeta Rei repetidas no introito da missa da segunda feira?!

Imaginaria o Profeta Isaías, ao escrever o que se contem na Epistola de hoje, que durariam até nossos dias, annualmente reproduzidos, os ultrages do Cordeiro Immaculado?!

Ah meu Deus!.... recebido com tanto enthusiasmo, como nos diz o Evangelho, em casa de Lazaro, fostes visitado com respeito e admiração pelos pobres moradores da Bettrania, que disputavam entre si a gloria de hospedar-Vos: e hoje que nos recebeis em vossa propria casa, rodeado de Magestade Divina, e onde tudo respira grandeza e veneração Sois insultado por nós!!!...

Taes são os nossos actos!....

Se com a entrada da terça feira, não esfriava nos fieis a sua devoção e penitencia; tambem nós christãos do seculo decimo nono somos concludentes em nossos principios. Nosso proceder está bem expresso na Epistola respectiva, e o Profeta Jeremias, que nos representa ainda hoje a hostia incruenta, como em seus dias de luto e tristeza symbolizou a Victima do Calvario, continua a ser exposto por nós a todos os tormentos e ultrages! Então soffria elle por Christo, hoje Christo por elle. Os incredulos d'esses dias maltratavam o servo e imagem de Deus, os incredulos de hoje atormentam o original Deus d'esse servo!.. E de balde a Santa Igreja, envergonhada de nossa indifferença, nos solicita arrependimento e penitencia com a leitura da sagrada Paixão, escripta em Roma pelo evangelista S. Marcos, 12 annos depois da morte de Christo, a pedido dos christãos seus contemporaneos, que se occupavam com preferencia d'aquellas cousas.

Mas a quarta feira em nada deve ceder ás suas irmãs, que já se foram; e se n'este dia não deparamos novas Magdalenas que *desperdicem* precioso nardo em ungir ao Salvador; ha em compensação quem venda seu Divino Mestre por um preço igual ao valor d'aquelle unguento, e assim augmenta a desolada Igreja sua dôr em quanto observa reproduzidos as malignas assembléas dos Escribas e Sacerdotes!..

E d'ahi a indifferença com que ouvimos no introito d'este dia a S. Paulo, explicando aos Philippenses

as incompreensíveis humilhações de Jesus, seguidas de sua gloria immensa ao subir ao throno da Divindade....

A Isaías, na Epistola, tratando de sua morte e de seu triumpho; e no Evangelho a S. Lucas que nos confirma nas verdades que já nos descreveram seus dous antecessores!

Assim o officio que hoje começa chamado de *trevas*, porque diz respeito á paixão de Christo durante os tres dias em que soffreu até á sepultura, conserva apenas o nome, despido do respeito e dôr que outr'ora expremia!.. assim cedemos aos proprios heresges um triumpho que, por mais disputado, nunca poderiam alcançar!

O que de considerações se me suggerem agora, charos leitores!...

O limitado, porém, de um artigo de jornal não as comporta com a extensão de que careceriam. Entrarei pois apenas em quinta-feira santa mas silencioso e tremulo!... tomado de susto e de respeito!...

Este dia tão festivo para a santa Igreja, porque n'elle celebrou seu divino esposo a ultima Pascoa cá entre os homens, instituindo o Sacramento da Eucharistia, como bem explica o doutor das gentes aos fieis de Corinto na epistola de hoje; e lavando depois os pés a seus discipulos, como se lê no presente Evangelho; nem por isso é privado de dolorosas commoções, pois que a Igreja junta a estas ceremonias, outros officios lugubres, por não deixar um momento se quer, como bem nota o pio e illustrado Sarmiento, de despertar na lembrança os grandes objectos de sua piedade e veneração, quaes a paixão e morte do Salvador!...

E' este o santo dia que a Igreja escolheu com razão para a communhão geral dos fieis, que tinha lugar na terceira missa que outr'ora se celebrava; antes de reduzir-se a uma só toda a cerimonia. Para nós porém devotos modernos, não tem mais significação especial este *manjar divino* offerecido aos fieis que se conservavam em penitencia, d'esde quarta-feira de cinza; porque para os innovadores é inadmissivel a penitencia como virtude; Deos, pregam elles, não quer senão o *nosso bem*, e o incommodo de nossos corpos não pôde ser agradavel a sua bondade infinita; a penitencia, como sacramento, é uma burla inventada por indagadores das vidas alheias; e a sagrada communhão.... o que é?... Oh! Horrorisame pronuncial-o!... E' o que definio o *gracioso* e sarcastico Voltaire....

Assim o tempo quadragesimal, que se devera utilizar em prepararmo-nos para a communhão d'este

festivo dia, gasta-se em theatros, passeios e bailes!... E porque não hão de haver bailes na quaresma, se a epocha é toda *dançante*; e o frio d'este paiz requer esses exercicios activos e accelerados! Dançar e mais dançar para não tiritar; e em materia de negocios? São o mais licito possivel no tempo santo....

Mas o que faço eu?—*Laudator temporis acti!*— Entrego-me como todos, á corrente de desatinos, e vou desaguar, com o resto da humanidade, n'esse pelago immenso de erros e desordens!... Deos me perdoará talvez, eu não quizera seguir o geral influxo, mas fallecem-me as forças no meio de luta tão desigual, para oppôr a tão furiosa enxurrada um dique seguro e insupperavel!...

Assim nosso geral proceder n'este dia tão singular, só pôde ser symbolisado pela denudação dos altares, que, como diz o douto Durando, representa o indecoroso apartamento que fizeram os apostolos e discipulos, abandonando seu divino Mestre, já vendido e prestes a ser atraído por um d'aquelles, no tempo de sua sagrada paixão!

Assim despimos tambem os altares, como os judeos despiram a Christo no Calvario antes de pregal-o na cruz...

A cerimonia do *lava pés*, dita tambem do mandato, é uma das mais expressivas lições do Divino Mestre! Ha n'este acto do Salvador *um não sei que* de eloquente humilde, misturado de sublime, que não cabe em expressões humanas: sente-se; mas, não se exprime; parece até que nos é meio incomprehensivel essa lição de amor divino e caridade religiosa!... E é por isso que sentimos tanta curiosidade de observar, como um principe da igreja, ou de um estado, lava os pés ás victimas do infortunio; e temos por um grande sacrificio de humildade pessoal, que uma dignidade, assim altamente collocada, desça até onde desceu o Creador de todas as dignidades!!! Tiramos, assim inconsiderados, a importancia ao exemplo, para o darmos agora á imitação, por considerações meramente humanas!... Entre tantos Reis e Imperadores, entre tantos Prelados e Pontifices, S. Gregorio Magno, sexagesimo sexto successor de S. Pedro (que como tantos recommendam ainda hoje a nosso reconhecimento e respeito a meritoria ordem dos Benedictinos!) lavava n'este dia os pés de doze pobres que sentava á sua mesa todo o anno, cujo numero lhe foi uma vez accrescentado por um Anjo do Céu, e conservado d'ahi em diante, até ser usado depois na cerimonia de muitas igrejas da christandade.

Mas n'estes nossos dias de desprezo, mofa e in-

differentença por tudo o que não é de utilidade ou commodidade mundana e immediata, com abstracção plena de todas as considerações da vida futura, de que não se cura, e em que parece não mais se crer; em nada nos affectam estas lições de amor, humildade e sapiencia divina; e passado o dia de quinta feira, continuamos na sexta nossa romaria de indifferença ou curiosidade, mas, em todo o caso, de mero passatempo! senão de maledicencia, e de mais indigno proceder!...

Eu porém não entrarei em considerações d'este dia incomparavel, sem augmento de respeito, e sem aggravamento de temor, apesar da ousadia com que me abalanço a fallar de um phenomeno que não tem igual, nem mesmo segundo nos annaes humanos ou divinos!

Nenhum feito semelhante despertou ainda a curiosidade dos homens ou a admiração dos anjos! e os proprios Céos nunca presenciaram um outro successo tão fructifero e maravilhoso!...

A criação de um mundo; o cataclysmo de um universo, seria para a natureza *um nada* em comparação á magestade só d'este phenomeno assombroso que se resume *na morte affrontosa de um Deus*, e na vida gratuita da humanidade!!!...

Eis o que se representa ainda hoje em nossa igreja!...

E eis tambem o facto a que damos menos importancia do que a uma noticia de guerra ou paz da Europa; da estréa de uma comica, ou do apparato e profusão de um baile mascarado!!! E é tal a nossa ousadia, para não lhe chamar pelo nome proprio, que não nos vestimos de sacco, nem nos cobrimos de celicios!!! Enão será isto uma verdade sem replica, pios leitores?...

Dizei-me; porque signaes ou mudanças conheceis a quaresma, ou mesmo a semana santa, fóra da folhinha? Será pelas procissões!...

Mas essas confundem-se com as do carnaval, que não foram menos concorridas, nem menos respeitadas!... Olha-se para um andor, como para um mascarado, só com menos veneração talvez!....

Será pelos sermões dos Domingos?... Mas esses confundem-se com as descripções poetico-profanas ou proleções de rhetorica, ou de qualquer sciencia que costumamos ouvir com mais curiosidade e attenção nas aulas ou academias; e não é isto culpa dos oradores, que alguns conheço eu bem habeis em materias sagradas, mas sim do gosto dos ouvintes,

que os tem obrigado a converter o pulpito em palco, e a trocar as considerações mysticas e as phrases sagradas por figuras de rhetorica e termos empolados: um sermão emfim que não satisfaça a essas regras; não presta; dil-o ahi qualquer livreiro que só conheça as obras pelos rotulos; ou certos carolas mettidos a sabios em materia ecclesiastica, e na interpretação dos Santos Padres!... que tormento para estes se ainda vivessem!...

Distinguir-se-ha emfim pela concorrência aos templos, e pelo trajar dos fieis, etc.? Ainda menos; em qualquer theatro, em dia de gala, encontrareis em numero igual, e as mesmas pessoas, o mesmo trajar luxurioso e profuso; e o mesmo gosto em tudo, ainda que a igreja traje luto pesado pela morte de seu Divino Esposo!... ainda que seja como hoje *sexta feira santa*, chamada a *maior* desde que foi destinada para celebrar-se a memoria dos mysterios augustos por excellencia; paixão e morte de Jesus Christo!!! Dia de festividade triste e lugubre, consagrado, como diz aquelle mesmo autor, ao retiro, ao silencio, ao jejum, á mortificação, ás vigílias, e ás orações!...

Mas parece que debalde continua ainda em nossos dias o propheta Oseas a persuadir-nos e a convidar-nos nas orações d'este officio, a tornarmos, de envolta com o povo de Israel, para o Senhor! Nossos ouvidos parecem surdos a todos os brados que não sejam de utilidade presente e immediata d'esta vida! E até o ultimo dos Evangelistas, como que triste e offendido da pouca consideração por nós prestada a seus companheiros, resume a historia da paixão sagrada, que já nos foi contada trez vezes sem fructo nem meditação de nossa parte! Todas estas considerações me affligem e contristam, e sem esperanza de ser lido, por incapaz de apresentar-vos alguma cousa digna de tão sublime sacrificio, eu concluo por commemorar-vos apenas a solemne procissão do enterro com todo o seu costumado apparato e riqueza, despida de todo o recolhimento, respeito e adoração devida!... E recomendar-vos-hei ao menos, pios leitores, a leitura do unico livro da vida, onde se contem verdades eternas, e tudo o que vos poderia dizer de melhor acerca da quaresma em geral, e em particular da Semana Santa, com toda a sublimidade de seus sagrados e divinos mysterios!...

A isto me limito por ora, sem fallar se quer do sabbado de alleluia: primeiro, porque já vai demasiado longo este artigo; segundo, porque em mi-

phas considerações, a respeito das cerimoniaes d'este dia, receio offender directamente a algum servo de Deos, que não podesse escapar ou sobreviver á evidencia de minha involuntaria denuncia. Se acontecer, porém, que algum indulgente leitor, por matar o tempo, ou por penitencia (unica talvez em todo o tempo santo) sacrifique alguns momentos á leitura que aqui lhe offereço, eu diligenciarei entreter-o breve com novas considerações, fazendo por tornar-me mais digno de sua attenção e indulgencia, como desejo se tornem todos da misericordia Divina, a quem entoamos louvores e gloria por todos os seculos dos seculos, amem.

CONEGO J. M. DE PAIVA.

A fé e o dever.

(NO ALBUM DA EXM.^a SNR.^a D. R. P. M.)

A fé é um elemento divino que nos sustenta a razão na indagação dos principios acerca das verdades eternas, que nem sempre podemos explicar, mas facilmente crer. E' ainda o principio de toda a religião possivel, como a esperança seu alimento, e a charidade sua traducção material. Sem fé nas promessas do Senhor, a quem servimos, mal cumpriríamos os officios que nos impoz, e a que a ambição humana só se sujeita decidida e espontaneamente, ou por gratidão de beneficios recebidos ou por esperança de novos premios.

Taes são os principaes motores do pleno desempenho de nossos deveres, mas que em nós perdem a vida, se nós perdemos a fé.

Em toda a parte porém que a fé estabelece seu dominio, grandes e maravilhosos são os phenomenos que acompanham seu reinado; inspira tal confiança, fornece forças taes aos corações, até os mais fracos, e os mais humildes, que nem o poder dos tyrannos os abatem, nem a fereza dos barbaros os atemoriza, é baluarte inexpugunavel, porque tem por base toda a terra; inaccessible, porque tem por cupula o firmamento: é em summa um dom prodigioso emanado lá dos Céos que por Piedade Divina foi derramado como conforto sobre as almas atribuladas dos reprovados mortaes, até cumprirem pontual e religiosamente os seus mais sagrados deveres.

PADRE JOAQUIM MENDES DE PAIVA.

A esperança e a creatura.

(NO ALBUM DA EXM.^a SNR.^a D. J. D. M.)

A esperança, quando mero sentimento humano, é uma planta viçosa, nutrida pela seiva do coração com seu cortejo de aspirações terrestres, crescendo com tanto viço á cada hora e

instante, que esterelisa os fructos, convertendo todo o succo em viçosa porém inutil folhagem.

A esperança, porém, como virtude, é o fructo do trabalho constante, contra a força da adversidade; o fresco oasis na aridez do deserto; a taboa da salvação nos naufragios da vida, é enfim a justa confiança na Misericordia Divina, a despeito mesmo da insufficiencia humana!...

E' que *estadimanada* a realidade eterna, *aquella* do ideal finito.—E' que a *esperança sentimento*, tem por principio a admiração de si mesma e a presumpção de merecimentos proprios; é por fim a crença de direitos excepcionaes e o gozo de venturas imaginarias.

A *Esperança virtude* tem por principio a crença na bondade Divina, e por fim os fructos da misericordia celeste. Assim, uma funda seu merecimento na vaidade humana, outra na humilidade religiosa. Em todo o caso a esperança é uma necessidade vital; mas como tem por objecto o futuro, é preciso que não tome por fundamento bens precarios; e sim thesouros que nem os homens lhe roubem, nem os tempos lhe corrompam. Taes thesouros só nos vem de Deos, pelo canal da Religião, unica revelada! tende pois em todas as vossas esperanças a religião por principio, e a Deos por fim, e d'esta arte fareis infallivelmente a vossa possivel felicidade, que oxalá exceda a vossas proprias e justas esperanças.

CONEGO J. M. DE PAIVA.

A charidade e a mulher.

(NO ALBUM DA EXM.^a SNR.^a D. M. R. M.)

A Charidade é com effeito ao mesmo tempo o vocabulo mais claro, a expressão mais simples e o termo mais complexo que Deos ensinou aos homens. Esta só palavra encerra um tratado completo da moral mais pura e mais sancta. Nenhum codigo de leis diz mais, ou previne melhor nossas necessidades, do que este, cuja lei unica, mais complexa, consiste em *amar a Deos sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos*. O dever natural e suave que nos impõe divide-se em duas partes — *não faças ao teu semelhante o que não queres que te façam; faz aos outros o que desejarias que te fizessem*— a primeira parte obriga absolutamente, a segunda condicionalmente, conforme todos podem deixar de fazer o que não querem que se lhes faça; ou não podem fazer o que desejaram que se lhes fizesse.

Quem pois diligenciou cumprir os santos deveres d'esta virtude por excellencia, que não consiste só em dar esmolas (e menos com ostentação), mas sim em praticar todo o bem compativel com nossas forças tem melhor merecido de Deos e de suas creaturas. A charidade é uma dimanação celeste que nutre os corações piedosos

d'onde chovem sem intermissão salutaes orvalhos dedicados a refrescar a aridez dos males physicos e moraes que assolam a humanidade... Com nenhuma creatura porém se compadece tanto esta virtude como com a mulher; ha entre ambas uma especie de identidade de genero, parentesco ou concordancia de que se não póde abstrahir impunemente. Na mesma Trindade que a natureza soube representar por marido, mulher e filhos ha *um não sei quê*, que bem se póde considerar como a imagem material das virtudes theologaes, representada a fé no marido, que qual outro Abrahão soube crer nas promessas de Deos; nos innocentes filhos a *esperança*, que quaes os valentes Machabeos souberam corresponder ás exhortações de sua heroica mãe e á vontade de Deos; e a *charidade* na mulher, que qual outra Esther sabe ser Iris da alliança, o ramo da paz e o refem do perdão para todos os seus.

Mas emfim verdade tão intuitiva não carece mais de demonstração, e vossa razão esclarecida sabel-a-ha abraçar a não precisar de minhas humildes considerações para nutrir-vos uma virtude que vos é innata e que fará sempre a vossa maior gloria, e a vossa melhor ventura.

CONEGO J. M. DE PAIVA

PARTE HISTORICA.

SALAS DE ASYLO.

As salas de asylo são estabelecimentos em que se recebem crianças de dois annos e mesmo menores, até á idade de seis; onde mestres e mestras destinados a este fim, os guardam e vigiam, principiando a dar-lhes simples noções da mais elementar instrução: esta instituição foi creada em Inglaterra ha vinte e tantos annos por M. Owen de New-Lanark, homem bemfeitor e industrioso do Norte da Escossia, que vendo os filhos de seus numerosos obreiros ficar no abandono, ao qual os condemnava o trabalho de seus pais, concebeu a idéa de recolhel-os, subtrahil-os a todos os perigos physicos e moraes a que o desamparo os expunha, e principiar sua educação, em uma epocha da vida, na qual n'isso se não cuida ordinariamente: esta idéa o preoccupou durante os annos de 1811, 1812, e 1813, sendo seus primeiros ensaios infructiferos até 1816. Foi no dia primeiro de Janeiro d'este anno, que pediu a todos os pais enviar seus filhos da idade de dois annos para cima; no dia seguinte de manhã, á escola que ia abrir. Tal pedido lhes causou grande surpresa; não havia mestre de escola, nem pessoa

alguma, que pudesse comprehender suas idéas, e pol-as em execução: elle tomou um simples tecelão, que nada entendia de escolas, mas mui dedicado ás crianças; este homem (James Buchanan) advinhou e realisou as inspirações de seu mestre. Dois annos depois foi chamado a Londres por M. M. Brougham, Macanlay e seus amigos, consentindo generosamente Mr. Owen em separar-se d'elle.

O ensaio feito em Londres provou perfeitamente, e as salas de asylo, conhecidas em Inglaterra debaixo do nome de escolas de crianças (*infant schools*;) se multiplicaram na capital. D'alli passaram aos Estados-Unidos, onde foram acolhidas com grande protecção: só a cidade de New-Yorck possui vinte e sete. Na Suissa, Italia, e Allemanha instituiram-se sob o nome de *écoles infantines*; na Belgica sob o de *écoles gardiennes*.

Só em 1826 se tentaram alguns d'estes ensaios em França; tudo quanto se fez n'esta epocha foi pelo zelo e soccorros da caridade particular, e grande reconhecimento deve-se dedicar ás primeiras pessoas, que alcançaram naturalisar n'este paiz a util instituição das salas de asylo. Em 1826 só existia em Pariz um unico asylo; em 1828 haviam trez; em 1829, quatro; em 1830, seis; 1832, oito; em 1833, dez; em 1834, quinze; em 1835, dezenove, que recolhiam trez mil e seiscentas crianças pouco mais ou menos. A administração dos hospicios tomou sob sua protecção as salas de asylo, pagando o seu aluguel: o resto das despezas, é subvenciado por dadas e subscrições, por subvenção do conselho municipal, do conselho geral dos hospitaes, e pelas sociedades de beneficencia. Em 1824, cada criança custou um f. 81 centimos por mez, ou seis centimos, achando-se por dia incluídos n'esta conta os salarios de mestras e mestres, á razão de mil e duzentos francos cada um.

A instituição das salas de asylo não se limitou só a Pariz; existem em muitos outros lugares da França duzentas, espalhadas a maior parte nas cidades, e algumas em certas aldeias.

A utilidade das salas de asylo é manifesta; a maior parte das mulheres dos obreiros, é obrigada em applicar-se a differentes trabalhos, para provar ás despezas domesticas: a mãe a mais dedicada, vê-se constrangida a abandonar o cuidado de seus filhos, durante todo o tempo que vaga em indispensaveis occupaões. Ora todos os que tiverem occasião de prescrutar o interior das familias necessitadas, sabem o que succede ás crianças assim abandonadas; umas ficam todo o dia fechadas em quartos, condemnadas

ao aborrecimento, á solidão, e expostas muitas vezes ao perigo do fogo, que por incuria se apodera de seus vestidos; outras são abandonadas na rua, onde correm immensos riscos, e contrahe os mais tristes costumes; outras enfim (e são as mais felizes) são confiadas durante a ausencia das mãis, ou a vizinhas, ou a mulheres que se encarregam de as velar, mediante modica contribuição. Se a mãe porém, não se quer separar do filho, se se dedica a guardal-o, priva-se do lucro que remetteria de seu trabalho, para as despesas domesticas, e toda a familia sente então privações e miseria.

As salas de asylo obstem a todos estes inconvenientes, offerecendo ás mãis meios de se entregarem occupações lucrativas, sem se inquietarem com a sorte de seus filhos; e fornecendo a estes um lugar, onde podem passar o dia abrigados dos perigos, do aborrecimento, e de todos os mais habitos.

Estas tão grandes vantagens estão longe de ser as unicas, que as salas do asylo offerecem á permittir a infancia, não se limitando só a guardar as crianças, e vigial-as, e a ter por este pequeno rebanho mais cuidado do que as mãis. O tempo consagrado ás viagens, é aproveitado para a educação, e os primeiros annos, que ordinariamente se passam sem nenhum proveito para o futuro, são empregados na aquisição de noções elementares, de idéas simples e claras, d'uma linguagem correcta, e bons costumes. Mas, como chegar a dominar tão fracas intelligencias? Como obrigar ao estudo discipulos, que os mais moços apenas contém dois annos, e os mais velhos ainda não tem seis? Como manter no meio de duzentas crianças a ordem e a disciplina, sem empregar o rigor dos castigos e dos máus tratamentos, sem prejudicar o desenvolvimento do corpo, e caracteres que se querem formar? Sérias eram estas difficuldades, mas foram vencidas da maneira a mais completa e engenhosa, obtendo-se o resultado á custa do canto, de evoluções regulares, e de variedades. Tudo ahí se faz, seja por meio de canções, por movimentos regulares e cadenciados; e os diferentes exercicios se succedem rapidamente uns aos outros, de maneira que tornam-se um divertimento, deixando de ser uma fadiga.

Eis pouco mais ou menos o que se passa em uma sala de asylo. Trata-se de entrar na classe? As crianças collocam-se em duas linhas, meninos de um lado, e meninas do outro, e as duas fillas chegam em ordem a seus lugares, cantando em côro palavras sobre algum thema facil e conhecido, e que chamam sua attenção, para objectos de que se vão

occupar. E' preciso tomar as pedras de escrever e os lapis? O movimento se executa, como uma evolução militar commandada pelo mestre, sob a direcção dos monitores, e á satisfação dos discipulos, que representam seu papel em todas estas scenas. O que cança e aborrece as crianças, o que torna o estudo odioso e a applicação penível, é o facto de serem sempre ouvintes; mas quando se tornam actores, quando se lhes designa uma função, quando se põe em movimento seus membros, seu corpo e sua intelligencia, captiva-se sua attenção, fixa-se seu espirito, occupa-se sua actividade e seu amor proprio. Para mudar de lugar, a fim de se entregarem a diferentes exercicios, é marcando o passo, executando uma evolução militar, que a mudança se effectua. Se o mestre quer dar a lição de leitura, o alphabeto, as combinações das consoantes e vogaes, tudo é transformado em canticos, e a classe repete em côro a lição, com prazer e enthusiasmo; a taboada de Pythagoras se canta da maneira a mais alegre, e a criança por pequena que seja, repete sem perturbar-se combinações de numeros, que fatigam mais avancadas memorias, e que ella aprende sem difficuldade, sem desgosto, e sem mesmo d'isso se aperceber.

Os exercicios, os cantos, os movimentos, as noções dadas sobre certos objectos de religião ou de historia natural, a vista de desenhos de animaes e de plantas, a exposição de algumas propriedades das figuras geometricas, que estão debaixo dos olhos, questões sobre objectos explicados, enfim o recreio e as refeições, taes são as diversas occupações que devem preencher, e que preenchem sem aborrecimento e sem fadiga, o dia de uma criança menor de seis annos, d'esde as sete horas da manhã, até ás sete da noite, visto que se recebem durante todo este tempo as crianças nas salas de asylo; as quaes os pais devem trazer-as limpas e providas do mantimento diario, tornando a ir buscá-las. Consiste a capacidade dos mestres em saber variar as occupações de maneira a tornar a escola uma morada seductora; e ella se torna de tal sorte, que as crianças quando as tem frequentado algum tempo, longe de evital-a, pedem como um favor ou recompensa, a sua frequencia.

O trabalho manual tem sido introduzido em algumas salas de asylo, o raciocinio e a experiencia provam que nada de mais util se podia imaginar; o trabalho manual torna a criança attenta, e silenciosa, desenvolve-lhe a intelligencia, faz-lhe adquirir cos-

tumes que é útil conservar toda a sua vida; emfim o trabalho manual dá um resultado palpavel, um producto, a criança faz alguma coisa, e cousa alguma a interessa e lisongeia mais do que ver sahir de suas mãos um trabalho seu. Mas, em que se occuparão crianças de tão tenra idade? A que qualidade de trabalho podem ser applicadas antes da idade de seis annos? O conde Guicciardini, fundador do asylo dos meninos em Florença, imaginou empregal-os em fazer torcidas para lampeões, exigindo com tudo este trabalho, simples e facil attenção da parte das crianças. Em Strasbouvey todas as meninas das salas de asylo, em estado de manejar a agulha, fazem tecidos de meia, e o numero de pares de meias que fazem, é realmente prodigioso; os meninos occupam-se em desfiar seda, que se torna a fiar para poder estender-se, e ser tecida. De todos os trabalhos que são comparaveis com a tenra idade, o tecido de meia parece ser o mais conveniente, tanto porque é um dos mais facéis, como porque pôde ser feito com intervallos, sem inconveniente.

O fundador das salas de asylo, M. Owen, era adversario do christianismo; em sua fundação não foi tentado pelo desejo de dar ás crianças uma educação christã, mas sim de assegurar-lhes uma educação moral. Em Inglaterra a devoção protestante encarou mal ao principio esta instituição, devida a um homem, que era desaffecto ás doutrinas da revolução; e a introdução do ensaio das primeiras salas de asylo em Londres, foi cercada de certo mysterio; mas o exito foi tão completo, as vantagens tão evidentes, que todos os prejuizos se desvaneceram. Em França a prevenção contra as salas de asylo, teve igualmente origem em motivos religiosos, mas de outro genero; eram os protestantes quem com mais affinco se tinham occupado de transplantar n'este paiz a instituição, que tão rapidamente prosperava em Inglaterra, e que promettia tão felizes resultados. O clero catholico porém, temendo que a educação da infancia lhe escapasse em parte, ficou receioso, resultando d'esta arte agitações pouco favoraveis ao desenvolvimento e á propagação, d'estes novos estabelecimentos. O clero romano procurando fazer concorrência em certas cidades ás salas fundadas pelos leigos, estabeleceu-as por sua conta, ficando porém sempre longe de terem prosperado: por outros lugares mostrou grande intolerancia, proscrevendo os livros de canto, compostos para as pequenas escolas; e houveram mesmo padres, que pregaram contra as damas, cuja caridade a seu ver, invadia os direitos da igreja catholica.

Força é confessar que os protestantes que se empregavam com o mais ardente e louvavel zelo na propagação das salas de asylo, se mostraram igualmente mais condescendentes nas questões religiosas, do que o clero catholico. Deve-se porém fazer sentir a uns e a outros, que obraram sempre como se não houvesse em França senão catholicos e protestantes: ora, ha judeus em grande quantidade em alguns departamentos, ha principalmente uma multidão consideravel de homens, indifferentes ao catholicismo e ao protestantismo, não observando pratica alguma: estes, posto que não figurem na enunciação official dos cultos, para os quaes no emtanto concorrem, continuem, em França ao menos, uma grande parte da população. Quando se dá ás crianças das salas de asylo uma educação christã, offende-se a todas as opiniões, que são contrarias ao christianismo, e preparam-se á razão das mesmas contradicções, que terão os mais funestos resultados. Assim quando se lhes prescreve a observação do Domingo, nenhum valor tem esta recommendação, para o homem que indifferentemente trabalha no Domingo, ou na Segunda-feira; e quando o filho repete ao pai que é necessario descansar n'este dia, este responde-lhe que o mestre não sabe o que diz. Que resultado obterá a criança d'estas opiniões contradictorias?

Não seria melhor aproveitar a idéa de M. Owen em toda a sua extensão, considerando a primitiva infancia como um campo neutro, onde não deveriam combater os partidos religiosos? Não converia mais dar-lhe uma educação que fosse acceita por todos os cidadãos francezes, qualquer que fosse sua convicção religiosa, e esperar mais tarde que os pais decidissem a que communhão querem dirigir seus filhos? Isto seria mais justo em si, mais util á mesma infancia, que se não acharia indecisa, contra o ensino dos mestres, e o da casa paternal.

Lord Brougham, fazendo á camara dos pares o elogio das salas de asylo, insistio principalmente na força dos bons costumes, que ellas estabelecem:

« Se d'este a mais tenra idade, diz elle, seguir-se um systema de educação proprio a alimentar no espirito da criança certo gráu de independencia, e mesmo a reprimir suas disposições viciosas; se o systema for sustentado com instrucções virtuosas e ensinos positivos; se, durante a época critica da vida, seu espirito e seu coração forem accostumados a não receber senão impressões puras e innocentes, será quasi impossivel que tome para o futuro uma direcção viciosa, porque o mal lhe será completamente extranho e antipathico; será-lhe-tão difficil tornar-se criminosa, como seria

« a qualquer de vossas senhorias ir roubar na es-
 « trada, porque seria inteiramente fóra de vossos
 « costumes. Começar pois a educação na mais tenra
 « idade, sobre o que tanto insisto, tal é, tenho a
 « mais firme confiança, o melhor meio de garantir
 « a sociedade de todos os crimes. Confio tudo no
 « habito sobre o qual em todos os tempos se tem
 « apoiado os legisladores, assim como os institui-
 « dores: o habito, que torna todas as coisas facéis,
 « e que difficulta o desvio do caminho accostu-
 « mado. »

As vantagens offerecidas pelas salas de asylo á primitiva infancia tem sido taes, que na America se abriram mesmo para as crianças ricas; estes não são com tudo abandonados ás ruas, desprezados sem cuidados em casa, emquanto a mãe se dedica ao trabalho; mas, acham nas salas uma primitiva educação especial, o emprego do tempo, costumes de ordem e regularidade; e tudo isto se obtém sem incommodo, sem constrangimento, sem que o corpo da criança sofra, ou que seu moral se affecte. E' notorio que as crianças que sahem das salas de asylo, e que entram para as escolas primarias, se aborrecem e tornam-se importunas, porque em lugar de exercicios variados e agradaveis, só acham um estudo pouco seductor. Esta observação foi apresentada como uma objecção ás salas de asylo, mas ella é antes a critica das escolas primarias, e dos methodos que n'ellas se empregam.

E' difficil fazer idéa de uma sala de asylo sem a ter visitado, e assistido aos differentes exercicios dos pequenos alumnos; mas é impossivel sahir d'ella sem estar compenetrado dos grandes serviços que presta aos pais pobres, sendo para a infancia a mais preciosa das instituições, formando uma excellente transição ás escolas mais elevadas, aproveitando um tempo da vida até então desprezado, e obstando todos os máus costumes. Quando se ouvem todas essas tenues vozes, claras e argentinas elevar-se em côro, e encher em brando concerto a sala em que o tenro rebanho entra com regularidade; quando se vê reinar a melhor ordem ahi, onde a desordem em ausencia do constrangimento, parece uma necessidade; quando se reconhece que a instrucção, ao alcance d'esses prematuros espiritos, é dada com brandura, e recebida com satisfação e alegria, quando se sente que todas essas crianças se preparam, pela vida commum que passam sob os olhos do mestre, a uma solida moralidade; não se pôde deixar de render homenagens aos fundadores de uma tão útil instituição, e de conceber a esperança que ella a-melhorará a conducção moral e physica das classes inferiores, e que as tornará de mais a mais aptas, para defender seus direitos, sua honra, e seus interesses contra as classes que as desfructam.

VARIEDADE.

SR. DIRECTOR DA SEMANA.

Querendo de bom grado corresponder ao appello generoso de V. afim de concorrer com o meu ténue tributo para as brilhantes columnas do seu jor-

nal hebdomadario, habil e dignamente sustentadas pelas illustradas e instructivas pennas de homens, que compõem a magnifica phalange da litteratura de meu paiz; e que de algum modo já tem concebido a judiciosa maxima de Laharpe quando dizia: « que o tempo traz triumpho ao genio, justiça á mediocridade e silencio á inveja... » vou, Sr. director, com fracas e desanimadas mãos depositar a minha offrenda no templo altaneiro e loureado, onde se abriga o genio litterario.

Comquanto alguns fragmentos da minha mocidade tenham sido estampados em diversos periodicos d'esta côrte, todavia considero-me novo e muito novo na carreira das letras; se bem que compulsado tenha as obras e os poemas d'alguns d'aquelles que sempre se distinguiram na arêna litteraria, ignoro e desconheço em grande parte toda a belleza e todo o engenho que esses athletas possuíam e fizeram medrar entre si.

A magnitude do pensamento, a idéa esclarecida e ampliada só o tempo, como está provado, só esse poderoso elemento, pôde alcançar para aquelle que com afincio e dedicação deixa fixar sua attenção no campo vasto da litteratura, das artes e das sciencias.

Permitta lhe diga que eu ainda emprehendo a minha viagem n'esse mundo bello, soberbo e cujo horisonte é deslumbrante e esperançoso, sou como o infante que ainda vacilla quando arrisca o passo, que intenta fallar e balbucia um nome sem bem expressal-o. A natureza, porém, essa mãe protectora e á qual estão commummente ligados nossos destinos, a natureza leo-me o meu horoscopo e como que assignalou o meu futuro, erguendo o véo d'elle e deixando brilhar a meus olhos uma estrella com o distico « litteratura ». E' força pois, curvar-me a essa lei poderosa, e a qual, uma vez estabelecida, não é licito retrogradar.

Eis aqui, Sr. director, a primeira producção minha que vai macular as paginas de sua acreditada folha. E' a poesia intima, do coração, e para mim tanto mais valiosa quanto foi ella consagrada ao meu joven amigo, finado na aurora de seus bellos dias, ao meu irmão em sentimentos F. E. X. de Medeiros, dias antes de seu passamento.

Ei-la pois, digne-se V. modificál-a e corregil-a como melhor lhe parecer, pois n'isto se conformará com os meus desejos.

Sou de V.

PEDRO MARTINS RIBEIRO.

O POETA

AO SNR. F. E. X. DE MEDEIROS.

Poeta—Se a lyra que vibras sentida

E' cheia de amor

Ao menos no canto, ao menos na vida

Não soffres rigor,

Loeta—Se as noites vem sempre faguciras

Doar-te venturas,

Que esperas, que queres, se são verdadeiras

Tão doces ternuras?

Poeta—Se os sonhos dourados, formosos
Te buscam adorar,
Ao menos teus dias alegres, gostosos
Se vão a passar.

Poeta—Que esperas se a lyra encantada
Delira em teus dedos,
Se os cantos que envias á tua adorada
São ternos, são ledos?

Poeta—Que almejas se c'róa de louros
Já cinges ufano,
Se visas ao longe do mundo os thesouros
A vida sem damno?

Poeta—Ah! perdôa se digo que á lyra
Tu pedes desditas,
Perdôa que eu choro, minh'alma suspira
Com dores invictas.

Poeta—Teus cantos ao menos imperam
No peito accessivel,
Teus cantos seduzem, teus cantos moderam
A alma sensivel.

Poeta—Esta lyra que eu firo inspirado
E' mais um rigor,
O som que desfere é surdo, medonho
Não falla de amor.

Poeta—Tão joven as Musas me deram
Cruel desventura,
Meu rosto alegre p'ra sempre fizeram
De horrenda tristura.

Poeta—Minh'alma lamenta a crueza
Do seu triste fado
Espalha em gemidos de dor e fereza
De um peito adorado!

Poeta—Estas noites de insomnia rodêam
O meu pobre leito
Vizões e fantasmas na mente vaguêam
Assim que me deito.

Poeta—Só tu, teus cantos sómente
Conseguem venturas,
Minha harpa dorida, saudosa, gemente
Consegue torturas.

Pelo Snr. PEDRO MARTINS RIBEIRO.

PARTE NOTICIOSA.

Questão de manutenção.

As folhas diarias tem ventilado, pelas partes interessadas, uma questão de manutenção entre o Snr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, e alguns seus vizinhos. Esta desagradavel questão tem impressionado o publico, mais pelo lado da violencia com que

tem sido tratada, do que pelo interesse juridico que poderia ter.

Especialmente o Snr. Dr. Maximiano tem-se havido n'esta questão com uma violencia de empenho e vontade, que não podemos deixar de estranhar, não pelo facto em si, mas pela influencia que estes escandalos jornalisticos produzem no animo e na dignidade do julgador.

Infelizmente a nossa magistratura está ainda muito sujeita á influencia d'estes terrores do jornalismo cynico e petulante, que ameaça e desrespeita um juiz, quando não se presta ás exageradas exigencias pessoas. Era já tempo de pôr-se um termo a isto, e o Snr. Dr. Maximiano, por sua posição e intelligencia culta, devia ser um dos primeiros a dar o exemplo.

Esta questão de manutenção tem sido tratada mais extralegalmente, do que conduzida pelos tramites da justiça. O empenho, a declamação, o escandalo nos jornaes tem dado a um facto simples um aspecto de proporções monstruosas: elle tem influido no animo de um julgador recto e prudente, como o Snr. Dr. Carlos Honorio de Figueredo, que, fatigado pelo cortejo de todas estas irregularidades, jurou a desejada suspeição.

Lamentamos que o nosso illustrado e estimavel collega desse um tal passo. O que em nosso entender elle devera ter feito era obrigar o Snr. Dr. Maximiano a respeitar a lei, e as pessoas que a representam, e não recuar diante de suas inconvenientes exagerações. A subtilidade de não serem legaes os actos do Snr. Dr. Carlos Honorio por isso que não havia prestado juramento, não deve prevalecer, pois o juramento de bem servir todos os cargos de magistratura estavam dados explicita e explicitamente pelo digno juiz.

Entendemos tocar perfunctoriamente este facto para estranhar, como com effeito estranhámos, que as partes atemorisem e embaracem a opinião do julgador, que o cerquem de empenhos pessoas, e de ameaças; e muito mais estranhámos que a imprensa se preste a ser o vehiculo d'esta verdadeira demoralisação publica.

Em quanto os lugares de julgador foram mais um Golgotha, ou um pelourinho em vez de um altar para o sacerdocio da lei, esses lugares nunca poderão ser dignamente occupados e desempenhados. Reflicta-se bem n'isto, e acabe-se por uma vez com essa potencia magica e invivel chamada *empenho*.

EXPEDIENTE.

Assignatura.

A assignatura para esta folha é paga adiantada, no escriptorio da empresa, rua do Senhor dos Passos n. 77. Por anno 8\$000, por semestre 4\$000, por trimestre 2\$000; e para seguir pelo correio, por anno 10\$000, por semestre 5\$000.

TYP. FLUMINENSE DE SANTOS & COLVILL,
Rua dos Cigaros, N.º 23.